

A FORMAÇÃO DO PENTATEUCO (I)

MIGUEL FALCÃO *

BIBLIOGRAFIA

- *Sagrada Biblia. Pentateuco*, Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona 1997
- *Sagrada Biblia. Libros proféticos*, Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona 2002
- FRANZ KÖNIG (dir.), *Cristo y las religiones de la tierra*, III, BAC, Madrid 1961 (trad. da segunda edição alemã, de 1956); em particular, J. SCHILDENBERGER, *La religión del Antiguo Testamento* (pp. 399-477)
- GIUSEPPE RICCIOTTI, *Historia de Israel*, trad. de Xavier Zubiri da 4ª ed. italiana, Barcelona, vol. I (1945) e vol. II (1947)
- JOSEF HUBY (dir.), *Christus. Manuel d'Histoire des Religions*, Paris 1916, Chapitre XV. JOHANNES NIKEL, *La religion d'Israël* (pp. 813-953)

Autoria mosaica do Pentateuco

1. Os livros sagrados do judaísmo constituem a sua *Bíblia*¹; os cinco primeiros são: *Genesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronomio*, e formam o *Pentateuco*. A figura de Moisés é central nos últimos quatro livros do *Pentateuco*, que se referem ao êxodo do Egipto até à chegada à Terra prometida; e naturalmente ele é referido na restante Bíblia². Pouco antes da época de Jesus Cristo, considerava-se que Moisés era o autor de todo o *Pentateuco*³; daí ser afirmada a autoria mosaica na tradição judaica e cristã⁴.

Porém, desde antigamente, os estudiosos da Bíblia perceberam que o *Pentateuco* recebeu a sua forma actual depois do regresso dos judeus do desterro de Babilónia (séc. VI-V a.C.)⁵. Mas foi a partir do séc. XVII que um estudo sistemático chegou à conclusão de que na redacção final foram recolhidos diversos materiais de diferentes épocas, alguns deles antiquíssimos, os quais, reelaborados e reorganizados por autores

* Não posso deixar de agradecer a leitura deste texto e as observações dadas pelo Pe. Doutor Geraldo Morujão, durante muitos anos professor de Sagrada Escritura do então Instituto Superior de Teologia, de Viseu.

¹ A Bíblia cristã inclui a Bíblia judaica (Antigo Testamento) e o Novo Testamento.

² Cf. WILLIAM H. SLOAN, *Concordancia completa de la Santa Biblia*, Barcelona 1988, número de vezes em que o nome de Moisés aparece na Bíblia: Êxodo (97), Levítico (6), Números (121), Deuteronomio (31), Josué (39), Juízes (4), 1 Samuel (1), 2 Reis (3), 1 Crónicas (4), 2 Crónicas (10), Esdras (3), Neemias (5), Salmos (6), Isaías (1), Jeremias (1), Daniel (2), Malaquias (1), Mateus (7), Marcos (2), Lucas (10), João (13), Actos (19), Romanos (2), 1 Coríntios (2), 2 Coríntios (3), 2 Timóteo (1), Hebreus (11), Judas (1), Apocalipse (1).

³ Por exemplo, nas palavras de Jesus: “Moisés, por causa da dureza do vosso coração, permiti-vos repudiar as vossas mulheres, mas no princípio não foi assim” (*Mt* 19, 8); “Moisés disse: Honra teu pai e tua mãe” (*Mc* 7, 10). Também o Apóstolo Filipe: “Encontrámos Aquele de quem escreveu Moisés na Lei” (*Jo* 1, 45). E São Pedro: “Moisés disse: O Senhor vosso Deus vos suscitará um profeta dentre vossos irmãos, como eu” (*Act* 3, 22). Igualmente São Paulo: “Está escrito na Lei de Moisés: Não atarás a boca ao boi que debulha” (*1 Cor* 9, 9).

⁴ Cf. *Sagrada Biblia. Pentateuco*, Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona 1997, p. 21.

⁵ Cf. *Ibidem*, nota 5: “S. Jerónimo explicava que, no *Deuteronomio*, a narração da morte de Moisés não podia ser dele, como também quando se diz “até ao dia de hoje” (*Deut* 34), mas deviam ser de *Esdras* ao fazer a cópia da Lei de Moisés (cf. *De perpetua virginitate B. Mariae*, 7; PL 23, 190)”.

inspirados, chegaram a constituir os cinco livros do Pentateuco, recebidos como sagrados pelo judaísmo, e mais tarde pela Igreja ⁶.

O principal crítico da tradicional autoria mosaica do Pentateuco foi o teólogo e biblista alemão do protestantismo liberal Julius Wellhausen (1844-1918), influenciado pela filosofia evolutiva de Hegel. Na sua obra *Prolegómenos da História de Israel* (1883) apresenta a *Hipótese Documental*, onde defende que o Pentateuco teve origem numa redacção composta de quatro textos originais independentes, datados vários séculos depois de Moisés ⁷.

Segundo ele, “a religião israelita ter-se-ia desenvolvido gradualmente a partir do paganismo, e a crença de que Yahveh era o deus de Israel e Israel o povo de Yahveh não teria adquirido valor de fundamento da nação e da sua história até à época de Moisés. Porém, a união entre Yahveh e Israel não se basearia numa aliança, mas numa relação natural em que o povo dedicava o culto a Yahveh e Yahveh outorgava protecção a Israel. O deus nacional israelita ter-se-ia desenvolvido em constante luta. No interior, tinha de lutar para eliminar a antiga importância religiosa das tribos e dos clãs, e ao mesmo tempo para os submeter à unidade de uma organização comum. A eliminação dos cultos privados e a sua substituição pelo deus nacional foi longa e trabalhosa. Teve de lutar também para vencer as influências que chegavam das culturas alienígenas. Quando os assírios aniquilaram o reino de Israel, converteu-se em deus universal. Este progresso da religião teria sido obra dos profetas. Contudo, reconhece Wellhausen: em última análise, é impossível explicar por que a história israelita, partindo de uns começos iguais aos da moabita, teve um final totalmente diferente” ⁸.

Outros discípulos alemães de Wellhausen e seguidores da sua tese de evolução do paganismo para o monoteísmo na religião de Israel – como o historiador Friedrich von Giesebrecht (1814-1889), os biblistas Rudolf Kittel (1853-1929) ⁹ e Walther Eichrodt (1890-1978), os arqueólogos bíblicos Ernst Sellin (1867-1946) e William Albright (1891-1971) ¹⁰ – também pensam que o monoteísmo foi introduzido por Moisés ¹¹. Notemos que todos eles como Wellhausen não duvidam da existência histórica de Moisés e do monoteísmo de Israel ¹².

Para Wellhausen, o Pentateuco seria uma compilação de quatro fontes pós-mosaicas: duas obras históricas – *yahvista* e *elohista*, segundo a designação de Yahveh e Elohim, respectivamente, para o nome próprio de Deus –, compostas por volta de 850

⁶ Cf. *Sagrada Biblia. Pentateuco*, cit., pp. 21- 22.

⁷ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Julius_Wellhausen

⁸ *Cristo y las religiones de la tierra*, III, pp. 404- 405.

⁹ R. Kittel chega a afirmar: “Se uma figura como Moisés não fosse testemunhada pela tradição, seria necessário pressupô-la; como a tradição no-la atesta, deve-se aceitar como histórica” (*A ciência do Antigo Testamento apresentada em seus resultados mais importantes*, 1900, p. 128) – in *Christus. Manuel d’Histoire des Religions*, p. 845.

¹⁰ W. Albright era norte-americano e de religião metodista; tornou-se conhecido do público pelo seu papel na autenticação dos *Manuscritos do Mar Morto* descobertos em 1947 e defendeu com os seus trabalhos arqueológicos a historicidade de Abraão, Isaac, Jacob e muitos eventos bíblicos

(cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/William_Foxwell_Albright).

¹¹ Cf. *Cristo y las religiones de la tierra*, III, p 405.

¹² Segundo a Bíblia, o monoteísmo em Israel começa com a vocação a Abraão: “Disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra e da tua parentela e da casa do teu pai para a terra que te mostrarei; e farei de ti um grande povo (...) E Abrão partiu como lhe tinha mandado o Senhor” (*Gen 12, 1-2. 4*)

Cf. *Sagrada Biblia. Pentateuco*, comentário a *Gen 12, 1-6*.

Moisés reconhece em quem lhe fala o Deus dos patriarcas: “Disse: Eu sou o Deus do teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob” (*Ex 3, 6*).

Cf. *Sagrada Biblia. Pentateuco*, comentário a *Ex 3, 4-10*.

(ou 750) a.C.; o *deuteronomio*, obra redigida nos círculos sacerdotais de Jerusalém, pouco antes de 622 a.C., quando foi «encontrada» no Templo (cf. 2 Re 22,8); e o *código sacerdotal*, redigido por Ezequiel e os seus discípulos na época do cativeiro de Babilónia. Posteriormente, foi-se reconhecendo que boa parte do *código sacerdotal* contém leis que estavam em vigor antes do exílio, e que algumas partes do «livro da aliança» (Ex 20-23; Ex 34, 10-28) e do *deuteronomio* contém preceitos e cerimónias que podem remontar-se à época primitiva da comunidade mosaica¹³.

Conforme um biblista católico propunha em meados do séc. XX, certamente o Pentateuco tem uma longa história. No decurso dos tempos, uma série de homens inspirados por Deus completaram, segundo o espírito de Moisés, a estrutura fundamental, mosaica, e um sacerdote escritor, igualmente inspirado, deu provavelmente à obra a sua última perfeição, contribuindo a dar maior realce às ideias fundamentais da obra mosaica¹⁴.

Mais recentemente, segundo a *Bíblia de Navarra*, na Introdução ao *Pentateuco*, “parece seguro que as antigas tradições em torno aos patriarcas, a Moisés, até à chegada à Terra prometida, foram reunidas e ampliadas de diversas maneiras nos momentos de florescimento cultural e religioso do povo de Israel”¹⁵. E oferece a seguir um quadro possível da formação do Pentateuco¹⁶:

No reino de Israel, a Norte, a pregação dos profetas Amós (762-745 a.C.) e Oseias (750-725 a.C.) ajudou a aprofundar no significado religioso que as antigas tradições tinham para o povo. Quando o reino foi conquistado pelos assírios e destruída a capital em Samaria (722 a.C.), muitos fugiram para o Sul levando as suas tradições escritas – seria o documento *elohista*, porque se designava a Deus com o nome de *Elohim*.

No reino de Judá, ao Sul, deram-se profundas reformas religiosas nos reinados dos reis Ezequias (727-698 a.C.) e Josias (639-609 a.C.), coadjuvados pela pregação dos profetas Isaiás (733-698 a.C.) e Jeremias (627-582 a.C.), respectivamente, que originaram um novo modo de entender os acontecimentos passados e se traduziram numa tradição escrita – seria o *deuteronomio*, que expõe a Lei de Moisés em forma de grandes discursos, e advoga pela centralização do culto no Templo de Jerusalém.

Provavelmente, esta actividade serviu de estímulo para a composição de antigos relatos tradicionais, desde a origem do mundo até à época de Moisés – seria o documento *yahvista*, por referir em ocasiões Yahveh como nome próprio de Deus.

O desterro de Babilónia dos judeus de Jerusalém (séc. VI a.C.)¹⁷ foi um momento importante de aprofundamento religioso. Os sacerdotes deportados – entre os quais sobressai o profeta Ezequiel (593-571 a.C.) – procuraram manter a fé e os costumes do povo em contraste com a religião da terra, cheia de mitos e práticas

¹³ Cf. *Cristo y las religiones de la tierra*, III, pp. 409- 410.

¹⁴ Cf. J. SCHILDENBERGER, *La religión del Antiguo Testamento*, in *Cristo y las religiones de la tierra*, III, pp. 410-411.

¹⁵ *Sagrada Biblia. Pentateuco*, p. 22.

¹⁶ Cf. *Idem*, pp. 22- 23, completado com datas prováveis tomadas de várias fontes.

¹⁷ Nabucodonosor II, o maior rei do império babilónico, conquistou o reino de Judá e deportou os vencidos para Babilónia, em três levas – 597, 586 e 582 a.C. –, tendo destruído da segunda vez a cidade e o Templo, em represália pela rebelião havida. Ezequiel foi na primeira deportação para Babilónia e ajudou os mais fervorosos a aprofundar na religião dos antepassados, reflectindo sobre os acontecimentos como povo eleito de Deus (cf. G. RICCIOTTI, *Historia de Israel*, I, §§ 524 ss; *Sagrada Biblia. Libros proféticos*, p. 643).

próprias do paganismo. Para isso, recordavam que a vida de Israel se desenvolveu à raiz de sucessivas alianças com Deus. Os escritos desta época contêm as leis que se devem seguir no culto e nos costumes – seria o *código sacerdotal*¹⁸.

Em resumo, parece claro que a doutrina contida nos cinco livros do Pentateuco não surgiu como algo novo no tempo das várias redacções, mas como renovação ampliada de tradições anteriores de Israel¹⁹.

(continua)

(*Celebração Litúrgica*, 2022-2023, 1 [Dez 2022/Jan 2023], pp. 12-16)

¹⁸ Ricciotti dá uma perspectiva histórica ao aprofundamento da religião e do culto de Israel durante o cativeiro de Babilónia. A ruína do reino de Judá com a destruição de Jerusalém e do Templo, antecedida da ruína e dispersão do reino do Norte, levou os deportados a reconhecerem que era um castigo por terem abandonado o culto de Yahveh e seguido o culto idolátrico dos povos vizinhos, com a consequência moral do abandono das leis de Moisés. Com a pregação profética de Ezequiel, confiaram que Yahveh havia de os salvar se eles voltassem para Ele e começaram a preparar uma nova compilação dos factos passados e uma nova legislação para quando chegasse a hora do regresso à sua terra. Basearam-se nas reformas anteriores de Ezequias e Josias e procuraram restaurar as tradições antigas, com a circuncisão, a celebração da Páscoa, as reuniões para as leituras e orações (embrião das futuras sinagogas). Além de algumas fontes escritas que existiam, muito mais foi tomado das tradições que se transmitiam oralmente de memória, habitual entre os semitas. Era um regresso ao yahveísmo, projectado para tempos messiânicos à espera do Messias, ao mesmo tempo que adaptavam a legislação aos novos tempos, agora com uma tendência rigorista. Esta visão projectada para o futuro partia do passado, como um seu aperfeiçoamento e actualização, e exigiu um trabalho esforçado durante anos dos sacerdotes e dos escribas doutores. O resultado foi o *código sacerdotal*, que Esdras levou a Jerusalém em 443 a.C., depois da reconstrução por Neemias da cidade e do Templo, e foi lido e explicado ao povo pelos levitas durante uma semana, provocando o arrependimento e a renovação de fidelidade a Yahveh (cf. G. RICCIOTTI, *Historia de Israel*, II, §§ 55-79; 137)

¹⁹ O facto de que o povo reunido para a leitura da Lei de Moisés, quer no reinado de Josias (cf. 2 Re 23, 1-3), quer depois do regresso do cativeiro (cf. *Neemias* 8, 1-12), ter aclamado e estar disposto a corrigir, parece-nos um sinal de que achavam conforme com as tradições anteriores, conhecidas mas abandonadas.

A FORMAÇÃO DO PENTATEUCO (II)

MIGUEL FALCÃO *

BIBLIOGRAFIA

- *Sagrada Biblia. Pentateuco*, Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona 1997
- *Sagrada Biblia. Libros proféticos*, Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona 2002
- FRANZ KÖNIG (dir.), *Cristo y las religiones de la tierra*, III, BAC, Madrid 1961 (trad. da segunda edição alemã, de 1956)
- GIUSEPPE RICCIOTTI, *Historia de Israel*, trad. de Xavier Zubiri da 4ª ed. italiana, Barcelona, vol. I (1945) e vol. II (1947)
- JOSEF HUBY (dir.), *Christus. Manuel d’Histoire des Religions*, Paris 1916, Chapitre XV. JOHANNES NIKEL, *La religion d’Israël* (pp. 813-953)

(continuação)

O Antigo Testamento como fonte da Revelação

Chegados a este ponto, podemos interrogar-nos: Se agora sabemos que o Pentateuco não foi escrito no tempo de Moisés nem dos que tiveram conhecimento do que Moisés queria, como podemos olhar para ele – e até por todo o Antigo Testamento – como Palavra de Deus?

O Cardeal Ratzinger, na altura Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, na *Apresentação* do documento da Pontifícia Comissão Bíblica sobre as relações do Cristianismo com as Escrituras Sagradas do povo judeu ²⁰, procura responder a esta questão inquietante para o católico.

Recorda que, “em 1920, o eminente teólogo liberal Adolf von Harnack formulou a seguinte tese: «rejeitar o Antigo Testamento no século II (refere-se a Marcião), foi um erro que a grande Igreja condenou com razão; mantê-lo no século XVI era uma fatalidade à qual a Reforma ainda não podia subtrair-se; mas, desde o século XIX, conservá-lo ainda no protestantismo como documento canónico, de valor igual ao Novo Testamento, é consequência de uma paralisia religiosa e eclesiástica»” (pp. 6-7).

Além de que, no ambiente judaico de Alexandria, ter surgido com Fílon uma interpretação original do Antigo Testamento, para tornar a Bíblia de Israel acessível aos gregos, os autores do Novo Testamento interpretaram as Escrituras que conheciam (a Bíblia judaica na versão dos LXX) segundo os ensinamentos de Jesus, verdadeiro autor divino delas. Assim se vê no relato do encontro de Jesus com os discípulos de Emaús: “começando por Moisés e por todos os profetas, explicou-lhes o que em todas as Escrituras se referia a Ele” (*Lc 24, 27*) (pp. 7-8).

* Não posso deixar de agradecer a leitura deste texto e as observações dadas pelo Pe. Doutor Geraldo Morujão, durante muitos anos professor de Sagrada Escritura do então Instituto Superior de Teologia, de Viseu.

²⁰ Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *El Pueblo judío y sus Escrituras Sagradas en la Biblia cristiana* (24-V-2001), Librería Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2001, 215 págs.

Continua o Cardeal Ratzinger: “Neste sentido, os Padres da Igreja não criaram nada novo com a sua interpretação cristológica do Antigo Testamento: somente desenvolveram e sistematizaram o que tinham encontrado no próprio Novo Testamento. Esta síntese, fundamental para a fé cristã, havia porém de tornar-se problemática quando a consciência histórica desenvolveu critérios de interpretação para os quais a exegese dos Padres aparecia privada de fundamento histórico e portanto objectivamente insustentável” (p. 9).

Em 1993, a Pontifícia Comissão Bíblica publicara o documento *A interpretação da Bíblia na Igreja* (15-IV-1993) que foi uma ajuda para entender melhor como a Palavra de Deus pode servir-se da palavra humana para dar à história em progresso um sentido para além do momento actual e precisamente assim obtém a unidade de todo o conjunto. No novo documento de 2001, mostra em conclusão que a hermenêutica cristã do Antigo Testamento, sem dúvida profundamente diferente da do judaísmo, «corresponde contudo a uma potencialidade de sentido efectivamente presente nos textos» (n. 64). (pp. 10-11)

Também faz notar o novo documento a necessidade de maior respeito pela interpretação judia do Antigo Testamento. A leitura judia da Bíblia «é uma leitura possível, que está em continuidade com as Sagradas Escrituras hebraicas da época do segundo Templo [reconstruído depois do cativo de Babilónia] e é análoga à leitura cristã que se desenvolveu paralelamente a ela, cada uma delas coerente com a respectiva fé e, portanto, irreduzíveis» (n. 22)²¹.

(Quer dizer: o cristianismo tem uma fé irreduzível ao judaísmo, são duas religiões diferentes, embora tenha surgido das raízes do judaísmo: talvez ao modo como uma nova espécie biológica surge de uma anterior espécie).

Mais tarde, já como Papa, Bento XVI publicou a Exortação Apostólica *Verbum Domini* (30-IX-2010), no seguimento do Sínodo dos Bispos sobre *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja* (Vaticano, 5 a 26 de Outubro de 2008), em que afirma que “é evidente que o próprio Novo Testamento reconhece o Antigo Testamento como Palavra de Deus e, por conseguinte, admite a autoridade das Sagradas Escrituras do povo judeu; (...) a raiz do cristianismo encontra-se no Antigo Testamento e sempre se nutre desta raiz. Por isso a sã doutrina cristã sempre recusou qualquer forma emergente de marcionismo, que tende de diversos modos a contrapor entre si o Antigo e o Novo Testamento.

“Além disso, o próprio Novo Testamento se diz em conformidade com o Antigo e proclama que, no mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo, encontraram o seu perfeito cumprimento as Escrituras Sagradas do povo judeu. Mas é preciso notar que o conceito de cumprimento das Escrituras é complexo, porque comporta uma tríplice dimensão: um aspecto fundamental de *continuidade* com a revelação do Antigo Testamento, um aspecto de *ruptura* e um aspecto de *cumprimento e superação*. (...) O mistério pascal de Cristo está plenamente de acordo – embora de uma forma que era imprevisível – com as profecias e o aspecto prefigurativo das Escrituras; mas apresenta evidentes aspectos de descontinuidade relativamente às instituições do Antigo Testamento” (n. 40).

²¹ Cf. *Idem*, pp. 5-13.

E pouco depois, comenta: “Assim se exprimia, com aguda sabedoria, Santo Agostinho sobre este tema: «O Novo Testamento está oculto no Antigo e o Antigo está patente no Novo». Deste modo, tanto em âmbito pastoral como em âmbito académico, importa que seja colocada bem em evidência a relação íntima entre os dois Testamentos, recordando com São Gregório Magno que aquilo que «o Antigo Testamento prometeu, o Novo Testamento fê-lo ver; o que aquele anuncia de maneira oculta, este proclama abertamente como presente. Por isso, o Antigo Testamento é profecia do Novo Testamento; e o melhor comentário do Antigo Testamento é o Novo Testamento»” (n. 41).

(Quer dizer: qualquer que tenha sido o modo como se formou o Antigo Testamento, foi recebido como Revelação progressiva de Deus, primeiro ao povo de Israel, mais tarde ao novo Povo de Deus, embora sob uma nova luz, a luz da Revelação do Novo Testamento, a qual deve estar sempre presente).

Podemos concluir que os textos da Sagrada Escritura recebidos canonicamente pela Igreja como inspirados, quer do Antigo como do Novo Testamento, são Palavra de Deus revelada e devem ser entendidos tal como os ensinou o Filho de Deus Jesus Cristo e os transmitiram os Apóstolos, e se mantêm no Magistério da Igreja.

Estado actual da investigação crítica sobre a composição do Pentateuco

Santiago Ausin, professor de Sagrada Escritura da Universidade de Navarra, expôs num artigo publicado em 1991 o estado da investigação crítica sobre a composição do Pentateuco, fazendo um balanço dos estudos publicados durante um século sobre a *Hipótese documental* de Wellhausen²².

Segundo ele, a *Hipótese documental* teve muita influência na exegese e compreensão do Pentateuco, mas nunca foi aceite unanimemente e sempre houve autores reticentes, criticando ou sugerindo outros modos de explicação. Mesmo os que aceitam globalmente a hipótese, criticam aspectos particulares; outros sugerem o uso de tradições orais antigas ou outras fontes extra bíblicas.

Para ele, “são bom augúrio as tentativas de superar a excessiva atomização a que ia chegando a hipótese documental; por outro lado, percebe-se a necessidade de deixar para segundo plano a história da redacção, para se centrar na mensagem que o Pentateuco oferece, baseada numa teologia bíblica coerente com a unidade de todo o Antigo Testamento”²³.

Francisco Varo, também professor de Sagrada Escritura na mesma Universidade, analisando os Manuais académicos sobre o Pentateuco e os livros históricos do Antigo Testamento publicados nos seguintes 25 anos²⁴, confirma que “nos últimos anos se tende a considerar que o mais importante são os textos na sua forma final, os livros tal e como chegaram até nós, e não outros documentos criados pela crítica, que, por muito sólida que pareça a sua reconstrução, não deixam de ser puras hipóteses”; ao mesmo

²² Cf. SANTIAGO AUSÍN, *La composición del Pentateuco. Estado actual de la investigación crítica*, in *Scripta Theologica* 23 (1991/1), pp. 171-183.

²³ *Ibidem*, p. 183.

²⁴ Cf. FRANCISCO VARO, *Manuales académicos de Pentateuco y libros históricos del Antiguo Testamento (1991-2016)*, in *Scripta Theologica* 48 (2016), pp. 465-486.

tempo “reconhece-se de modo quase unânime a importância decisiva que tem a investigação histórico-crítica para a interpretação dos textos”²⁵.

Por isso, sugere que ao ler uma passagem do Antigo Testamento se tenha em conta as circunstâncias em que foi escrita ou reescrita, para se aperceber do momento em que se encontrava a Revelação que foi evoluindo progressivamente com o tempo²⁶.

(*Celebração Litúrgica*, 2022-2023, 2 [Mar-Abr 2023], pp. 286-289)

²⁵ *Ibidem*, p. 481.

²⁶ Cf. *ibidem*, p. 484.